

TARRYN FISHER

AUTORA DO BEST-SELLER *FUCK LOVE*

INVISÍVEL

Para sair das sombras, basta encontrar uma razão.



INVISÍVEL

T A R R Y N F I S H E R



INVISÍVEL



Tradução
Monique D'Orazio



COPYRIGHT © 2015 MARROW BY TARRYN FISHER
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Preparação **BÁRBARA PARENTE**
Revisão **VALQUÍRIA DELLA POZZA**
Capa e Diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagens de capa **TUGOL, PAVLO LYS E ANDREIUC88 | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fisher, Tarryn
Invisível / Tarryn Fisher ; tradução de Monique
D'Orazio. — São Paulo : Faro Editorial, 2019.
256 p.

ISBN 978-85-9581-100-3
Título original: Marrow

1. Ficção norte-americana I. Título II. D'Orazio, Monique

19-2615 CDD-813.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2020
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868
www.faroeditorial.com.br

*Para minha mãe,
que me protege do mal.*





A pérola começa sua vida como um cisco — algo indesejado como um fragmento de concha ou um grão de areia que acidentalmente se aloja no corpo de uma ostra. Para se proteger do cisco, a ostra toma uma ação defensiva, secretando uma substância reluzente e dura em torno do agente irritante. Essa substância se chama *nácar*. Enquanto o cisco permanecer dentro de seu corpo, a ostra continuará a revesti-lo de nácar, uma bela camada sobre a outra. Sempre achei notável que a ostra revestisse seu inimigo não apenas com algo bonito, mas com uma parte de si mesma. Porém, enquanto os diamantes são acolhidos com um entusiasmo caloroso, considerados de maior e mais profundo valor, a pérola é um pouco negligenciada. Seu humilde começo é de um parasita crescendo em algo vivo, drenando a beleza de sua hospedeira. É inteligente — o revés do cisco. Uma espécie de história “do lixo ao luxo”.

1



13 ANOS

HÁ UMA CASA EM BONE COM UMA JANELA QUEBRADA coberta por uma folha de jornal. O revestimento externo da casa está caindo aos pedaços, sustentando um teto que parece carregar os fardos do mundo.

Eu vivo nesta casa com minha mãe. Debaixo de chuva, debaixo de opressão, no quarto com a janela quebrada. Eu a chamo de a casa que devora. Porque, se deixar, esta casa vai devorar você, como devorou minha mãe. Como tenta me devorar.

— Margô, me traga a toalha.

Meu nome seguido por uma ordem.

Eu atendo. Mal daria para chamar de toalha de rosto. É apenas um trapo velho, desgastado por uso demais e manchado pelas coisas sujas que esfregou. Ela a pega da minha mão sem olhar para mim. Seus dedos são elegantes, as unhas pintadas de preto e lascadas ao longo das bordas. Ela passa a toalha de rosto entre as pernas e se limpa grosseiramente. Eu recuo e desvio o olhar, concedendo o mínimo de privacidade. Essa é toda a privacidade que se recebe nesta casa: o desvio dos olhos. Sempre há pessoas — principalmente homens — espreitando do outro lado das portas e nos corredores. Eles olham e, se der uma chance, eles tentam pegar você. *Se* você der uma chance. Eu não dou.

Minha mãe sai da banheira e joga a toalha na minha mão. A casa cheira a mofo e podridão, mas, depois que ela fica na banheira, cheira a sais de banho.

— Margô, me passe meu robe.

Meu nome seguido por uma ordem.

Ela odeia tomar banho sozinha. Ela me disse que a mãe tentou afogá-la na banheira quando era criança. Isso ainda a assusta. Às vezes, à noite, eu a

ouço choramingar: *Não, mamãe, não*. Não conheci a mãe dela. Após o incidente do afogamento, minha mãe foi colocada em um orfanato. *Um pesadelo*, como ela chama. No momento em que saiu do sistema de assistência social, minha avó havia morrido de ataque cardíaco e deixado a casa para sua única filha — a casa que devora.

Ela olha para si no espelho enquanto desdobra seu robe vermelho. É meu trabalho lavá-lo duas vezes por semana. Faço isso com cuidado, pois é o seu bem mais precioso. Minha mãe é tão linda quanto uma tempestade. Ela é selvagem e destrutiva, e no meio de sua fúria sentimos o dom de destruição que ela recebeu de Deus. Nós duas admiramos seu reflexo por mais alguns minutos enquanto ela passa as pontas dos dedos no rosto, procurando defeitos. Esse é seu ritual no meio da tarde antes de as coisas começarem a acontecer. Ela pega os tubinhos de creme que eu lhe trago da farmácia e os alinha sobre a pia lascada. Um de cada vez, espalha-os com batidinhas em volta dos olhos e da boca.

— Margô — diz ela. Espero pela ordem, prendendo a respiração. Desta vez, ela está olhando para o meu reflexo, um pouco atrás do dela. — Você não é uma menina bonita. Poderia pelo menos emagrecer. O que você não tem no rosto, pode ter no corpo.

Para eu poder vendê-lo como você faz?

— Eu vou tentar, mamãe.

Submissão. Esse é o meu trabalho.

— Margô, você pode ir agora — diz ela. — Fique no seu quarto.

Meu nome seguido por uma dupla ordem. *Que simpática!*

Saio do banheiro andando de costas. É o que aprendi a fazer para evitar ser atingida na cabeça por alguma coisa. Minha mãe é perigosa quando não toma seus remédios. E a gente nunca sabe quando ela está sem. Às vezes, entro de fininho no quarto dela para contar os comprimidos, assim eu fico sabendo quantos dias de segurança me restam.

— Margô — ela chama quando estou quase na minha porta.

— Sim, mamãe? — digo. Minha voz é quase um sussurro.

— Você pode pular o jantar esta noite.

Ela propõe isso como se fosse algo bom, mas o que está realmente dizendo é: “Não vou permitir que você coma esta noite”.

Tudo bem. Eu tenho meu próprio estoque, e, na verdade, não há nada para o jantar.

Vou para o meu quarto, ela tranca a porta atrás de mim, e põe a chave no bolso. A fechadura da minha porta é a única que funciona em casa, além

da que está na porta da frente. Minha mãe mandou instalar há alguns anos. Pensei que era para me manter segura, até que percebi que minha mãe estava escondendo o dinheiro dela debaixo de uma tábua solta no meu quarto. O dinheiro dela está todo debaixo dos meus pés. Ela não o gasta com roupas, carros nem com comida. Ela acumula. Desvio o dinheiro do topo para comprar comida. Ela provavelmente sabe, já que continuo viva, além de gorda.

Sento-me no chão do meu quarto e puxo uma caixa sob a cama. Escolho com sabedoria, caso ela esteja ouvindo na porta: uma banana e duas fatias de pão. Sem barulho, sem ruídos crocantes de mastigação, sem embalagens. A banana está preta e pegajosa, e o pão é velho, mas ainda tem gosto bom. Retiro pedaços do pão e esmago entre os dedos antes de colocá-lo na boca. Gosto de fingir que estou tomando a Sagrada Comunhão. Minha amiga, Destiny, fez a primeira comunhão. Ela disse que o padre colocava um pedaço de pão na língua das pessoas e, ali, o pão se transformava no corpo do Senhor Jesus. Era preciso esperar o corpo derreter antes de engolir, porque não se podia morder o corpo de Jesus, e depois tinha que beber o sangue. Eu não sei nada sobre Jesus ou por que as pessoas têm de comer o corpo dele ou beber o sangue para ser católico, mas prefiro fingir que estou comendo o corpo de Deus a pensar que é pão velho e amanhecido.

Quando termino o jantar, ouço batidas abafadas e as tábuas do assoalho gemendo sob o peso de pés. Pés de quem? Do homem alto? Do homem com o cabelo grisalho e encaracolado no peito? Ou talvez seja o homem que tosse com tanta força que faz a cama da minha mãe estremecer e fazer barulho.

— Difteria — digo para minha casca mole de banana. Li sobre difteria em um dos meus livros. Um livro da biblioteca que eu fico renovando porque não quero devolver. Tiro-o da minha mochila enquanto como um pão de mel, e olho para as fotos enquanto lambo os dedos pegajosos. Quando ouço a cabeceira da cama da minha mãe rangendo contra a parede, como outro. Vou ser gorda enquanto eu viver na casa que devora. Enquanto a casa me comer.

2



14 ANOS

NÃO SEI DE ONDE VÊM OS HOMENS. COMO ELES SABEM O caminho de carro até a *rua Wessex, 49*, e como estacionar o carro na sombra da casa que devora. Não sei como eles sabem andar os três degraus da porta da frente e parar sob a lâmpada que nunca para de piscar. Ou como eles sabem pegar a maçaneta de metal enferrujado nas mãos e entrar. Eles eram, talvez, homens que minha mãe conhecia em sua vida anterior. A vida em que ela usava saias plissadas e meia-calça, e pegava o ônibus para o trabalho todos os dias.

Ela frequentou a igreja por um breve período naquela época, erguendo as mãos durante os cânticos como se estivesse pegando as bênçãos de Deus. Sorrindo com lágrimas nos olhos enquanto o pastor dizia à congregação que Deus não nos abandonaria em nossa hora mais sombria.

E quando chegou a hora mais sombria, e ela perdeu o emprego, eu voltei da escola e a encontrei falando em línguas na pia da cozinha, enterrada até os cotovelos em água e sabão, os olhos bem fechados durante a prece. Quando me viu na porta da cozinha, com a mochila pendurada no ombro, ela sorriu através das lágrimas e me chamou para eu me aproximar dela.

— Estamos sob um ataque espiritual — ela disse, segurando minhas mãos. — Precisamos orar contra Satanás e seus demônios.

Agarrei suas mãos frias, fechando os olhos com força como se a qualidade da minha oração dependesse de quanta força eu usasse, e orei com ela, nossas vozes enchendo a casa que devora com um apelo urgente. Minha voz não desejava nada... Eu preferia o catolicismo de Destiny, no qual eles comiam partes do corpo como zumbis movidos pela fé, a esse comportamento barulhento e exigente que minha mãe adotara. *Dai-me, Deus! Dai-me! Eu sou sua filha, então o Senhor tem que me dar!*

Ela não acredita mais em Deus; ela o deixou em algum lugar entre a perda do emprego e o primeiro homem que convidou para a cama. Sempre achei que sua fé fosse frágil como um papel: útil até você molhá-lo. Eu a ouvi falando sobre religião com um dos homens que vêm — aquele que ri de forma tão ruidosa que minha mãe, que odeia barulhos altos, está constantemente mandando-o fazer silêncio.

— Se existe um Deus — ela disse —, acredito que ele se sente mais insultado pela religião do que pelo ateísmo.

Eu também não acredito em Deus; nunca acreditei, nem mesmo quando fechei os olhos e orei com ela na cozinha, o sabão de suas mãos escorrendo pelos meus cotovelos. Minha mãe não sabe que compartilhamos essa semelhança. Ela saberia se perguntasse, mas ela nunca pergunta. Acredito em uma solidão tão intensa e profunda que tem uma presença física. Acredito em escolhas: nas difíceis que as pessoas que estão no comando raramente parecem acertar. Acredito que todo mundo precisa de alguma coisa: o toque de uma mulher, companheirismo, dinheiro, perdão. E, para adquirir essas coisas, uma pessoa acumulará tanto pecado quanto for necessário. Costumo olhar para os meus colegas de classe e me perguntar o que eles vão querer quando crescer e do que vão desistir para tê-lo.

Vêm dois homens por noite. É tudo uma dança perfeitamente planejada, nunca com um momento de sobreposição. Não sei se eles se conhecem ou se cada um acredita ser o único companheiro da minha mãe. Ela os encontra na porta, sua voz cadenciada e amigável, seu robe de seda vermelho ondulando ao redor do corpo como água de sangue. É uma versão falsa dela, não a mulher de rosto inexpressivo que fica olhando por horas para as tábuas riscadas do assoalho, virando frascos de comprimidos na garganta. Ela pergunta como eles estão, então os leva até as escadas. Eles falam com ela com familiaridade, velhos amigos, que a chamam de Wendy e riem das coisas que ela diz. Combino o carro com a voz de cada um: o Volvo azul com um amassado no para-choque dianteiro, um Corvette amarelo com uma bola de discoteca pendurada no retrovisor e o visitante mais frequente, um velho Mustang — também não do tipo detonado, mas restaurado, com pintura vermelha brilhante e placas personalizadas onde está escrito: LWMN. Nunca vejo o rosto do cara do Mustang — ele está sempre olhando para o chão. Uma vez eu tive um vislumbre da parte de trás de sua cabeça quando ele estava saindo do quarto da minha mãe. Era careca, tinha os ombros largos e curvados para a frente, e deixou fumaça de charuto e um cheiro de madeira pelos corredores. Em uma ocasião, ele esqueceu o relógio na

cômoda da minha mãe. Uma coisa pesada com o símbolo de uma coroa atrás do visor de vidro. Entrei de fininho no quarto dela para olhar quando ela estava dormindo. Imaginei como alguém poderia suportar algo tão pesado pendurado no pulso. Na noite seguinte, quando fui procurar o relógio, tinha desaparecido.

Contei isso para Destiny.

— O homem do Mustang provavelmente veio buscar enquanto você estava na escola — ela diz. — Você sabe o que aquilo era, não sabe? — Ela pergunta com a mão apoiada no quadril, e a cabeça inclinada para o lado fazendo a cara típica de “você não sabe merda nenhuma”.

Quando não respondo, ela continua:

— Era um Rolex — diz ela. — Provavelmente legítimo. Meu tio usa um pirata. Você poderia ter roubado para comprar uma bicicleta ou alguma coisa assim.

— Eu não quero uma bicicleta — respondo. — O que eu quero é a minha mãe.

Destiny revira os olhos e depois os quadris quando se afasta e caminha até a cômoda.

— Eu tenho que ir — digo, ao me levantar. Eu me sinto ansiosa... desonesta por contar a Destiny sobre o homem e o relógio.

— Pensei que nós íamos assistir a um filme.

Eu me sento de novo. Nunca consigo dizer “não” para um filme. E sempre tem pipoca na casa dela. Destiny me diz que a pipoca no cinema é um milhão de vezes melhor do que o negócio que ela faz no micro-ondas.

— E os dedos da gente ficam todos gordurosos por causa da manteiga... — diz ela.

Não há cinema em Bone. Você tem que pegar o ônibus e atravessar duas cidades. O pai da Destiny a leva com os irmãos o tempo todo. Eu nem tenho televisão na casa que devora. Então ver filmes sentada no sofá listrado de vermelho e branco da Destiny é o suficiente para mim. Começamos a assistir a *Uma linda mulher*, mas na metade eu falo para a Destiny que estou com dor de estômago. O personagem de Julia Roberts é muito parecido com a minha mãe — o sorriso cheio de dentes, a vulnerabilidade.

Vou para casa andando na chuva, desejando ter levado um pouco de pipoca. Quando chego à porta da frente, minha camiseta branca está encharcada. Puxo-a sobre a cabeça assim que entro, sem notar o carro parado na entrada. Ando em direção à cozinha e paro de repente. Um homem está na escada olhando para mim. Levo um susto. *Burra, burra, burra*. Seguro a

camiseta na frente do peito, mas ela está torcida, e eu não posso endireitá-la para me cobrir. Ouço a voz da minha mãe.

— Robert...? — ela chama.

Noto um vislumbre do robe vermelho enquanto corro para a cozinha. Encontro o cesto de roupa que eu mantenho ao lado da máquina de lavar e pego uma blusa limpa. Enquanto estou lutando para passá-la por cima da cabeça, minha mãe entra.

— O que diabos você estava pensando?

Isso é mais do que ela me disse em seis meses.

— Eu não vi o carro. Eu estava molhada... — Abaixo a cabeça e engulo meu constrangimento.

— Você me envergonhou — diz ela, entre os dentes. — Andando pela minha casa se mostrando assim. — Ela fala do meu corpo como se fosse uma coisa nojenta. Algo a ser escondido e nunca mostrado.

Não digo nada. Meu peito arfa. Eu me odeio. Ela some tão rápido quanto apareceu — em uma onda de seda vermelha e condenação. Posso sentir o perfume de baunilha dela quando começo a chorar.

Eu a quero de volta. Quero saber o que mudou para eu ter algum lugar onde depositar minha culpa. Se houvesse uma causa, eu poderia parar de me culpar. Percorro minhas memórias, repetidas vezes, procurando pela raiz — o momento, ou mês, ou dia em que ela desapareceu.

Do meu colchão, fico olhando para o teto. Manchas marrons profundas de infiltração marcam o que antes era tinta creme. Nessas marcas analiso nossos anos na casa que devora. A recessão gradual da felicidade. Nossa vida pode ser corroída tão lentamente que a gente nem percebe.

A risada da minha mãe sumiu primeiro, depois os sorrisos, que eram tão largos que mostravam mais gengiva do que dentes. A última coisa a desaparecer foram seus olhos brilhantemente expressivos. Eles pararam de enxergar e então passavam batido nas coisas. Fitavam paredes, armários e pisos. Eles olhavam para tudo, menos para mim. No início, eu havia tentado de tudo para que ela olhasse para mim: jogar uma tigela de cereal e leite no chão, bem na frente dela, de modo que seus pés ficassem salpicados de leite, ou rabiscar meus braços e pernas com marcador até eu ficar tão azul quanto um Smurf. Com firme determinação, eu menti na cara dela, quebrei suas bugigangas, xinguei alto e cantei músicas que ela odiava a plenos pulmões. Nada adiantou. Ela está morrendo devagar, e eu não tenho certeza se ela sabe disso.

3



15 ANOS

DOBRE AS MÃOS SOBRE O COLO. SORRIA. NÃO SORRIA. Não olhe ninguém nos olhos. Finja que você não se importa. Fique olhando para os pés. Não sorria... nunca sorria.

Sou inquieta e desajeitada. Eu nunca sei o que fazer e quando fazer. Um menino sorriu para mim uma vez; ele era bonitinho. Ele já tinha passado quando sorri de volta. Um pouquinho tarde demais. Não consegui fazer meu rosto se mover no tempo certo. A escola é um alívio longe de casa; a casa é um alívio longe da escola. Não pertencço a lugar nenhum, então viajo de um lugar para outro esperando que ninguém me note — mas, se notarem, espero que não sejam cruéis demais. Eu penso no passado. Dias há muito passados.

Tudo diferente, tudo tão estranhamente igual. As pessoas se tornam diferentes, eu percebo. É a paisagem que nunca muda: as placas da estrada maculadas com pichações, os pores do sol misturados de rosa e laranja que beijam o topo das árvores, até mesmo a fila de carros esperando para virar e entrar no estacionamento do Walmart. Isso é o que mais me irrita: o mesmo céu, a mesma casa, a mãe diferente.

Então eu me lembro da mãe antiga, reconstituindo o passado, recolorindo as lembranças. O peso das memórias ruins floresce e se expande sob as boas lembranças. Tento pensar apenas nas coisas boas da minha infância, não nas que me arrancam dela.

Penso em como minha mãe sempre tinha uma folha entre os dedos. É disso que mais me lembro. Ela puxava uma folha de um arbusto ou de uma árvore e a segurava entre os dedos, esfregando de modo compulsivo com pequenos círculos até que a folha ficasse desprovida dos veios e das membranas e os dedos dela estivessem manchados de verde. Eu gostava quando seus dedos estavam verdes; lembrava-me das pinturas a dedo que fazíamos

na escola. Isso a fazia parecer estranha e divertida, diferente das outras mães que eram sempre rígidas e tinham a cara amarga. Quando estávamos fora, eu observava o jeito como ela examinava as plantas, imitando seus movimentos, querendo estar perto dela, querendo ser ela. E foi difícil porque minha mãe carregava sua elegância em volta dos ombros, uma classe quase impossível de imitar.

Isso foi quando eu era pequena e as coisas eram quase certas. Antes de ela perder o emprego, antes de começar a fumar, antes dos homens. Hoje em dia, os dedos da minha mãe são manchados de nicotina. O cheiro exala de sua pele quando ela atravessa um cômodo — fumaça velha e podridão de tabaco. Seus ombros são curvados a partir do pescoço como um velho roupão de vestir em casa. Quando parou de sair de casa, alguns anos atrás, ela começou a me mandar sair para comprar cigarros, aqueles com o cacique na caixa, porque eles eram mais saudáveis. Em algum momento entre ela ter cheiro de ar livre e cheiro de cinzeiro, eu parei de querer ser como ela. E, durante esse mesmo tempo, enquanto ela estava se livrando do manto da maternidade e se tornando uma estranha, ela parou de falar meu nome.

No começo eu não percebi. Não até que uma professora disse meu nome na escola, me pedindo para ir à lousa resolver uma equação. Foi aí que percebi que eu não ouvia meu nome havia algum tempo. Minha mãe ainda dava ordens, mas em algum momento retirou meu nome do início delas. *Margô*. Levei um minuto para reconhecer que era eu que a sra. Ler-son estava chamando. Os outros alunos riram quando fui andando entre as fileiras de carteiras para chegar até diante do quadro-negro. *Margô*, pensei. *Esta sou eu*. E então, enquanto eu voltava para casa depois de descer do ônibus, tentei me lembrar da última vez em que a tinha ouvido dizê-lo, e não consegui.

Minha mãe, uma fã de Perry Mason, escolheu meu nome em homenagem a Margô Albert, uma atriz que ela viu no programa dele, *The Case of the Sad Sicilian*. No seu último papel, antes de morrer de câncer no cérebro, Margô interpretou uma assassina chamada Serafina. Minha mãe, comovida com seus olhos tristes, jurou chamar a primeira filha de Margô. Parece uma piada cruel ser batizada em homenagem a uma mulher que era escolhida para interpretar papéis trágicos, e mais ainda ter um nome que significa algo tão bonito e delicado quando você mesma é tudo menos isso.

Na casa que devora, permaneço sem nome. Cabelo loiro quase branco, olhos esquecíveis, roupas feias e esfarrapadas.

— Ei, Margô!

Giro ao redor. O ônibus escolar está se aproximando da placa de PARE, fechando as portas. Destiny vem correndo pela calçada em minha direção, atirando a mochila por cima do ombro. Olho o modelo de sua calça jeans, e a maneira como a blusa mostra com elegância um dos seus ombros. Ela está até usando o tipo de sapato que as outras garotas usam: sapatilhas brilhantes. Ela parou de falar comigo por volta da sétima série, depois que o pessoal da escola começou a me chamar de “filha da prostituta”. Não sei se foi por ordem de seus pais ou autopreservação, mas ela simplesmente me deixou.

— Você esqueceu isso no ônibus — diz ela, entregando-me o romance que eu estava lendo. Eu o pego sem olhá-la nos olhos.

— Obrigada.

Sua casa fica na direção oposta, mas ela hesita antes de sair como se quisesse dizer alguma coisa. No fim, porém, ela apenas dá de ombros e vai embora. Eu não a observo se afastar. Eu sei que se fizer isso vou chorar.

A casa que devora ainda está quieta quando chego. Cochila durante o dia enquanto estou na escola: uma casa noturna. Vou direto para o meu quarto, porque é isso que ela gosta que eu faça. É no fim da tarde que minha mãe sai do seu quarto para começar o ritual da noite: o banho, os cremes e a maquiagem. Nos últimos anos, ela não me quis por perto, nem mesmo para o banho. E eu não me importo. Eu odiava vê-la enrugando na banheira lascada e cor-de-rosa, pedaços de tinta descascando e flutuando na água ao redor dela. Pego meu estojo, escolho uma barra de chocolate e uma lata de refrigerante quente, e começo meu dever de casa enquanto a casa que devora acorda e range em volta de mim.

Quando o primeiro de seus visitantes vem, eu arrumo meus cadernos e lápis e me arrasto até a parede que separa o meu quarto do dela. É assim que eu a conheço. Ela não ficou completamente silenciosa. Eu a ouço falando com eles. Sinto-me desesperada pelo som de sua voz; passo noites pressionando meu ouvido entre nossas paredes. Eles dizem coisas a ela — coisas sobre a vida deles, a esposa e o emprego. Eles pontuam as frases com palavras como ano fiscal, mensalidades da faculdade e violações de liberdade condicional. Ela só fala quando precisam que ela fale. Ela aperfeiçoou a arte da pausa e da resposta. Uma palavra aqui, uma palavra ali. Sua voz nunca passa de um ronronar agradável. Eles acham sexy, sua vontade de ouvir e sua relutância em falar. Uma mulher bonita que faz e faz e não discorda. Estou aprendendo muito sobre os homens, do jeito que eles querem e o que querem. Eles andam de um lado para o outro no quarto, seus passos

pesados surdos na madeira lascada e estragada da casa que devora. Uma vez ouço-a dar conselhos: *Venda a casa, dê um passo atrás. Você não precisa de todo esse espaço agora que as crianças se foram.*

Onde está meu conselho?, eu me pergunto. Onde estão minhas palavras? De quem eu sou filha?